

O Livro de Daniel - Número Cento e Treze

Desvendando a tríplice aplicação da profecia: compreendendo o significado de 11 de setembro de 2001 no contexto bíblico

Jeff Pippenger
2024-03-03

Quando o Senhor guiou Seu povo dos últimos dias de volta às 'veredas antigas' de Jeremias, em 11 de setembro de 2001, Ele já havia identificado a regra da tripla aplicação da profecia.

Assim diz o Senhor: Ponde-vos nos caminhos, e vede, e perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho, e andai por ele, e achareis descanso para a vossa alma. Mas eles disseram: Não andaremos nele. Também pus atalaias sobre vós, dizendo: Escutai o som da trombeta. Mas eles disseram: Não escutaremos. Jeremias 6:16, 17.

Quando o Senhor reconduziu Seu povo às veredas antigas, eles encontrariam descanso (a chuva serôdia), e às atalaias foi então dada uma mensagem de trombeta. Todos os profetas identificam com a máxima precisão o fim dos últimos dias; assim, a mensagem de trombeta dos últimos dias seria a trombeta final, que é a sétima trombeta, que é o terceiro ai.

Quando o Seu povo dos últimos dias começou a trilhar as veredas antigas, foi reconhecido que as características do primeiro ai identificavam um líder histórico simbólico específico (Mohammed), e que o segundo ai fazia a mesma coisa (Osman). Constatou-se que cada uma das quatro primeiras trombetas também tinha líderes simbólicos específicos que identificavam a trombeta, e então foi reconhecido que Osama bin Laden era o líder simbólico do terceiro ai.

Maomé era associado à Arábia, e Osman era o símbolo do Império Otomano na Turquia, e Osama bin Laden representava o terror islâmico mundial, embora ele, assim como Maomé, fosse árabe.

Reconheceu-se também que o primeiro ai feriu os exércitos de Roma e que o segundo ai matou os exércitos de Roma. O dia 11 de setembro de 2001 foi então reconhecido como o momento em que o Islã do terceiro ai feriu o exército de Roma (os Estados Unidos), mas que, na lei dominical, matará o exército de Roma, à medida que os Estados Unidos chegam à sua conclusão como o sexto reino da profecia bíblica e entregam sua soberania nacional à tríplice união do dragão, da besta e do falso profeta.

Foi reconhecido que os Estados Unidos eram a besta da terra com dois chifres de poder. Uma característica profética principal da besta da terra é que ela muda de cordeiro para dragão. Profeticamente, chifres representam força, e a força da besta da terra era o Republicanismo e o Protestantismo, representados como os dois chifres da besta da terra. Mas agora, nos últimos dias, as duas forças da besta da terra transformaram-se em poder militar e econômico. Em 11 de setembro de 2001, o Islã do terceiro ai atingiu a terra, um símbolo da besta da terra, o Pentágono, um símbolo de seu poder militar, e as Torres Gêmeas na cidade de Nova York, um símbolo de sua força econômica.

Quando também se reconheceu que a história inicial do primeiro ai e a história final do segundo ai ambas apresentavam uma ilustração do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, reconheceu-se que, com a chegada do terceiro ai, quando os grandes edifícios de Nova York foram derrubados, identificou-se que o processo de selamento dos cento e quarenta e quatro mil tinha começado.

“Agora vem a notícia de que eu declarei que Nova York deve ser varrida por uma onda gigantesca? Isto eu nunca disse. Tenho dito, ao contemplar os grandes edifícios que ali se erguem, andar sobre andar: ‘Que cenas terríveis terão lugar quando o Senhor Se levantar para sacudir terrivelmente a terra! Então se cumprirão as palavras de Apocalipse 18:1–3.’ Todo o décimo oitavo capítulo de Apocalipse é uma advertência acerca do que está para sobrevir à terra. Mas não tenho luz em particular com respeito ao que está para sobrevir a Nova York, senão que sei que, um dia, os grandes edifícios ali serão derrubados pelo revolver e subverter do poder de Deus. Pela luz que me foi dada, sei que há destruição no mundo. Uma palavra do Senhor, um toque de Seu poder poderoso, e essas estruturas maciças ruirão. Ocorrerão cenas cuja espantosidade não podemos imaginar.” *Review and Herald*, 5 de julho de 1906.

A "destruição que há no mundo" é o caráter do Islã, pois seu caráter é representado como Apollyon e Abaddon no capítulo nove, versículo onze, do Apocalipse.

E tinham sobre eles um rei, que é o anjo do poço sem fundo, cujo nome, em hebraico, é Abaddon, mas, em grego, tem por nome Apollyon. Apocalipse 9:11 (NOVE ONZE).

O significado do nome, ou caráter, do rei que governa o Islã, tanto em hebraico quanto em grego, conforme representado pelos dois nomes, é "morte" e "destruição", que chegaram em 11 de setembro de 2001, quando os grandes edifícios de Nova York foram derrubados. Nesse momento, o capítulo dezoito do Apocalipse, versículos de um a três, começou a se cumprir.

Foi reconhecido que a primeira menção do homem selvagem do Islã no livro de Gênesis usava a palavra hebraica para o “asno árabe selvagem”, que foi traduzida no versículo como “homem selvagem”. O símbolo do Islã é a família dos cavalos e, no capítulo nove de Apocalipse, também foi representado como um cavalo de guerra. Nos quadros sagrados de Habacuque, que, conforme foi informado ao povo de Deus, “não deveriam ser alterados”, o Islã também foi representado pelos cavalos de guerra.

E o anjo do Senhor lhe disse: Eis que estás grávida e darás à luz um filho, e lhe chamarás Ismael; porque o Senhor ouviu a tua aflição. E ele será um homem feroz; a sua mão será contra todos, e a mão de todos, contra ele; e habitará na presença de todos os seus irmãos. Gênesis 16:11, 12.

A primeira menção do nascimento de Ismael foi associada a uma "restrição", que se tornou um símbolo principal associado ao Islã.

Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos; e ela tinha uma serva egípcia, cujo nome era Agar. E Sarai disse a Abrão: Eis que agora o Senhor me tem impedido de conceber; peço-te: coabita com a minha serva; talvez eu venha a obter filhos por meio dela. E Abrão deu ouvidos à voz de Sarai. Gênesis 16:1, 2.

Na própria primeira menção do Islã, representada pelo nascimento de Ismael, enfatiza-se a submissão. O conceito de submissão é fundamental à religião do Islã. A palavra “Islã” deriva de duas palavras árabes, “salaam”, que significa “paz”, e “aslama”, que significa “submeter-se” ou “render-se”. O Islã ensina que os crentes devem submeter a sua vontade à vontade de Alá (Deus) em todos os aspectos da vida. Quando Sara percebeu que havia tomado uma má decisão ao encorajar Abraão a tomar Agar e gerar Ismael, obteve de Abraão permissão para tratar Agar com dureza, o que levou Agar a fugir da casa de Abraão. Lá ela recebeu uma mensagem do anjo.

Mas Abrão disse a Sarai: Eis que tua serva está em tuas mãos; faze-lhe como bem te parecer. E, quando Sarai a tratou duramente, ela fugiu da sua presença. E o anjo do Senhor a encontrou junto a uma fonte de água no deserto, junto à fonte no caminho de Shur. E ele disse: Agar, serva de Sarai, de onde vens? e para onde vais? E ela disse: Fujo da face de minha senhora Sarai. E o anjo do Senhor lhe disse: Volta para tua senhora e submete-te debaixo das mãos dela. E o anjo do Senhor lhe disse: Multiplicarei sobremaneira a tua descendência, de modo que não se poderá contar por causa da multidão. E o anjo do Senhor lhe disse: Eis que estás grávida e darás à luz um filho, e chamarás o seu nome Ismael; porque o Senhor ouviu a tua aflição. E ele será um homem selvagem; a sua mão será contra todos, e a mão de todos contra ele; e habitará na presença de todos os seus irmãos. Gênesis 16:6-12.

A contenção do Islã, a "submissão" que representa o caráter da religião do Islã, e o papel do Islã estão todos presentes na primeira menção de Ismael e representam o DNA profético do Islã representado pelos três ais do Apocalipse. Quando o Senhor conduziu Seu povo às veredas antigas de Jeremias, eles também reconheceram que os "quatro ventos" que são mantidos sob controle pelos quatro anjos do capítulo sete de Apocalipse são especificamente os quatro ventos do Islã.

Os anjos estão segurando os quatro ventos, representados como um cavalo furioso que procura libertar-se e lançar-se sobre a face de toda a terra, trazendo destruição e morte por onde passa. Manuscript Releases, volume 20, 217.

O "cavalo furioso" do Islã, que também corresponde aos "quatro ventos" que são "contidos" enquanto se realiza o selamento dos cento e quarenta e quatro mil, traz "morte e destruição" (Abaddon e Apollyon) em seu "caminho". Assim como a restrição imposta a Hagar inseriu esse atributo profético no símbolo do Islã, os quatro ventos e o cavalo furioso estão ambos contidos, e, com esse fato estabelecido, reconheceu-se que o início do primeiro ai identifica uma restrição sobre o Islã, representada pela ordem histórica de Abubakar.

E foi-lhes ordenado que não ferissem a erva da terra, nem qualquer coisa verde, nem árvore alguma; mas somente aqueles homens que não têm o selo de Deus nas testas. Apocalipse 9:4.

Linha sobre linha, o início do segundo ai, que, na aplicação tríplice dos três ais, é sobreposto ao início do primeiro ai, identifica a libertação dos quatro anjos, o que, no versículo, representa o desencadeamento da segunda grande jihad do Islã.

Dizendo ao sexto anjo, que tinha a trombeta: Solta os quatro anjos que estão presos no grande rio Eufrates. Apocalipse 9:14.

Entendeu-se, portanto, que, no início do terceiro ai, o Islã seria ao mesmo tempo liberado e restringido, o que é exatamente o testemunho da Irmã White.

"Naquele tempo, enquanto a obra da salvação se encerra, tribulação sobrevirá à terra, e as nações se irarão, contudo serão contidas para não impedir a obra do terceiro anjo. Nesse tempo, a 'chuva serôdia', ou o refrigério da presença do Senhor, virá para dar poder à alta voz do terceiro anjo e preparar os santos para permanecerem firmes no período em que as sete últimas pragas forem derramadas." Primeiros Escritos, 85.

Quando o registro histórico do Islã foi investigado, constatou-se que a guerra e as conquistas do Islã árabe do primeiro "ai" são entendidas pelo Islã como "a primeira grande jihad", e que a guerra do Império Otomano que começou quando os quatro anjos foram soltos é entendida pelo Islã como "a segunda grande jihad". Em concordância com a aplicação tripla, o Islã acredita que a terceira e última grande jihad começou em 11 de setembro de 2001. Como William Miller certa vez escreveu: "História e profecia estão de acordo."

A aplicação "linha sobre linha" de uma liberação e contenção simultâneas, conforme representada ao sobrepor as linhas proféticas iniciais do primeiro e do segundo "ai", foi perfeitamente confirmada pelo Espírito de Profecia e, imediatamente após o Islã atacar em 11 de setembro de 2001, o presidente George W. Bush impôs uma contenção mundial ao Islã ao iniciar sua guerra ao terror. A liberação e a contenção simultâneas do "cavalo irado" do Islã foram confirmadas pela Bíblia, pelo Espírito de Profecia e também pela história.

Os que "seguem o Cordeiro" de volta às veredas antigas mileritas encontram o "descanso", que é a chuva serôdia, que a Irmã White identifica como tendo início quando as nações estão iradas, porém refreadas, como estavam em 11 de setembro de 2001.

"Naquele tempo, enquanto a obra da salvação se encerra, tribulação sobrevirá à terra, e as nações se irarão, contudo serão contidas para não impedir a obra do terceiro anjo. Nesse tempo, a 'chuva serôdia', ou o refrigério da presença do Senhor, virá para dar poder à alta voz do terceiro anjo e preparar os santos para permanecerem firmes no período em que as sete últimas pragas forem derramadas." Primeiros Escritos, 85.

Aqueles que "seguem o Cordeiro" de volta às veredas antigas mileritas encontram o "descanso", que é a chuva serôdia, que a Irmã White identifica como tendo início quando o poderoso anjo de Apocalipse dezoito desceu em 11 de setembro de 2001.

"A chuva serôdia deve cair sobre o povo de Deus. Um anjo poderoso deve descer do céu, e toda a Terra deve ser iluminada com a sua glória." Review and Herald, 21 de abril de 1891.

Aquele poderoso anjo desceu quando os edifícios de Nova York foram derrubados, o selamento dos cento e quarenta e quatro mil começou, e a chuva serôdia começou a cair. Os que foram conduzidos de volta às veredas antigas de Jeremias, e encontraram o "descanso", que é a chuva serôdia, reconheceram então que o "descanso e refrigério" de Isaías também era a chuva serôdia; mas era também a identificação da prova que, em 11 de setembro de 2001, confrontou o povo de Deus, e especialmente os "homens escarnecedores" que "governavam Jerusalém". Passaram a

compreender que a prova era dupla, pois representava a mensagem do Islã relativa ao terceiro ai e, com igual importância, representava a metodologia bíblica que estabeleceu a mensagem da chuva serôdia.

Aos quais ele disse: Este é o descanso com que podeis fazer repousar o cansado; e este é o refrigério; contudo não quiseram ouvir. Mas a palavra do Senhor lhes foi preceito sobre preceito, preceito sobre preceito; linha sobre linha, linha sobre linha; aqui um pouco, ali um pouco; para que fossem, e caíssem para trás, e se quebrassem, e fossem enlaçados e presos. Portanto, ouvi a palavra do Senhor, homens escarnecedores, que governais este povo que está em Jerusalém. Isaías 28:12-14.

Caminhar nas veredas antigas permitiu que o povo de Deus dos últimos dias visse então que a parábola das dez virgens, que "ilustra a experiência do povo adventista", deveria ser repetida "ao pé da letra", durante o tempo de selamento dos cento e quarenta e quatro mil. O testemunho da história em que a parábola foi primeiramente cumprida identificou que o capítulo dois de Habacuque estava diretamente ligado à parábola e fazia parte dela. Portanto, o "debate" de Habacuque dois representou a prova do descanso e refrigério que os homens escarnecedores se recusaram a ouvir. À medida que estudantes fiéis da Bíblia continuaram a investigar as veredas antigas, perceberam que não apenas a parábola das dez virgens e Habacuque dois eram a mesma profecia, mas também o capítulo doze de Ezequiel.

Uma parte da profecia de Ezequiel também foi fonte de força e consolo para os crentes: 'Veio a mim a palavra do Senhor, dizendo: Filho do homem, que provérbio é esse que tendes na terra de Israel, dizendo: Prolongam-se os dias, e toda visão falha? Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus. . . . Estão próximos os dias, e o cumprimento de toda visão. . . . Eu falarei, e a palavra que eu falar se cumprirá; não será mais prolongada.' 'Os da casa de Israel dizem: A visão que ele vê é para muitos dias ainda, e ele profetiza de tempos distantes. Portanto, dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Nenhuma das minhas palavras será mais prolongada, mas a palavra que eu falei será cumprida.' Ezequiel 12:21-25, 27, 28. O Grande Conflito, 393.

O período do selamento dos cento e quarenta e quatro mil, conforme representado pelo movimento adventista de 1840 a 1844, representa o período de tempo dos últimos dias, quando "o efeito de toda visão" "se cumprirá". A história profética do primeiro ai, sobreposta à história profética do segundo ai, identifica a história profética do terceiro ai, que é a história profética do selamento dos cento e quarenta e quatro mil. É também a história de 1840 a 1844. É também a história em que se cumpre a obra do mensageiro que prepara o caminho para o Mensageiro da Aliança. É a história em que os dois chifres da besta da terra passam por uma transição do sexto para o "oitavo" que "é dos sete". É a história em que os dois profetas são mortos na rua, no capítulo onze do Apocalipse.

Não menos significativo, porém, é o fato de que, visto que a palavra de Deus nunca falha, em conjunto com o princípio de que todos os profetas falam mais dos últimos dias do que de qualquer outro período, em 11 de setembro de 2001 os "dias proféticos estão próximos", em que as "palavras que" Deus proferiu "se cumprirão" e "isso não será mais prolongado".

A rebelião de 1863 destinou o Adventismo laodiceano a peregrinar no deserto até que todos morressem. O Senhor voltou a essa história em 11 de setembro de 2001, como havia feito com o antigo Israel em Cades.

A primeira visita a Kadesh provocou a rebelião dos dez espias e trouxe o período de peregrinação no deserto. Ao final dos quarenta anos, eles voltaram a Kadesh, e foi lá que Moisés feriu a Rocha pela segunda vez e foi impedido de entrar na Terra Prometida, mas eles entraram com Josué. 11 de setembro de 2001 identifica a última geração, e Deus não mais prolongará a Sua Palavra.

Abordaremos esse fato no próximo artigo.

A história da vida no deserto de Israel foi registrada para o benefício do Israel de Deus até o fim dos tempos. Os atos de Deus com os peregrinos do deserto, em todas as suas marchas de um lado para o outro, na sua exposição à fome, à sede e ao cansaço, e nas impressionantes manifestações de Seu poder para lhes trazer alívio, constituem uma parábola divina, repleta de advertência e instrução para o Seu povo em todas as eras. A variada experiência dos hebreus foi uma escola de preparação para seu lar prometido em Canaã. Deus deseja que Seu povo, nestes últimos dias, reexamine, com corações humildes e espíritos ensináveis, as provas de fogo pelas quais passou o antigo Israel, para que seja instruído em sua preparação para a Canaã celestial.

A rocha que, ferida por ordem de Deus, fez jorrar suas águas vivas, era um símbolo de Cristo, ferido e moído para que, por seu sangue, fosse preparada uma fonte para a salvação do homem que perece. Assim como a rocha fora ferida uma vez, assim Cristo haveria de ser 'uma vez oferecido, para levar os pecados de muitos'. Mas, quando Moisés, temerariamente, feriu a rocha em Kadesh, o belo símbolo de Cristo foi deturpado. Nosso Salvador não havia de ser sacrificado uma segunda vez. Como a grande oferta foi feita apenas uma vez, basta que os que buscam as bênçãos de sua graça peçam em nome de Jesus — que derramem, em oração penitente, os desejos do coração. Tal oração apresentará diante do Senhor dos Exércitos as feridas de Jesus, e então tornará a jorrar o sangue que dá vida, simbolizado pelo fluir da água viva para o Israel sedento.

Apenas pela fé viva em Deus e pela humilde obediência aos seus mandamentos pode o homem esperar alcançar a aprovação divina. Por ocasião daquele poderoso milagre em Kadesh, Moisés, cansado das contínuas murmurações e da rebelião do povo, perdeu de vista o seu Onipotente Auxiliador; não atendeu à ordem: 'Falai à rocha, e ela dará as suas águas'; e, sem a força divina, ficou entregue a macular seu registro com uma demonstração de paixão e fraqueza humana. O homem que deveria, e poderia, ter permanecido puro, firme e altruísta até o fim de sua obra, foi afinal vencido. Deus foi desonrado diante da congregação de Israel, quando poderia ter sido honrado e o seu nome glorificado.

A sentença imediatamente pronunciada contra Moisés foi das mais severas e humilhantes: que ele, juntamente com o Israel rebelde, deveria morrer antes de atravessar o Jordão. Mas ousará o homem afirmar que o Senhor tratou severamente o seu servo por aquela única falta? Deus havia honrado Moisés como não honrara a nenhum outro homem então vivo. Ele havia defendido a sua causa repetidas vezes. Tinha ouvido as suas orações e falado com ele face a

face, como um homem fala com um amigo. Na exata proporção da luz e do conhecimento de que Moisés desfrutara, aumentou a sua culpabilidade. Signs of the Times, 7 de outubro de 1880.